

## ESCREVER PARA CRIANÇAS <sup>1</sup>

Rui Zink  
FCHS – Univ. Nova de Lisboa

Um pormenor, antes de mais: há vinte anos que escrevo e publico. Mas, só depois do nascimento do meu segundo filho me atrevi a escrever para crianças.



Começo pelo que creio ser hoje uma evidência: deve escrever-se para os mais novos com o mesmo respeito com que se escreve para os adultos. Um demagogo diria: ainda com mais respeito. Mas a demagogia não é

---

<sup>1</sup> Texto original em espanhol – “Escribir para niños” – traduzido para português por Filomena Vasconcelos.

aconselhável, seja em que idade for – é lastimável que hoje isso não seja uma virtude muito divulgada entre a classe escritora.

Continuando com as evidências: não devemos facilitar nem considerar que os mais novos são idiotas. Merecem os melhores textos que é possível fazer e, apesar de um vocabulário menos vasto do que o de um adulto erudito, eles têm o direito de não serem tomados por tolos. Nos seus sonhos, já todas as crianças mataram o pai e foram enviadas pela mãe para a floresta para serem comidas pela bruxa. Tal como nós, adultos, as crianças conhecem o horror, o riso, e sabem que a vida tem disso tudo. O que nos autoriza ou desautoriza é o modo como dizemos o que dizemos.<sup>2</sup>

Por outro lado, sim, os mais novos têm menos experiência – de vida, de leitura, são mais frágeis. E podem sair burlados às mãos de escritores menos honestos: os que os enganam com McBurgers. Quanto a isso, não podemos fazer nada. Sou contra a censura organizada do Estado. No cinema, vê-se muito disto, infelizmente. Que precauções devemos então tomar? Bem, no meu papel de pai, procuro equilibrar a leitura dos McTrash – ou McLixo – com outros alimentos. Falo por experiência própria. Não sou capaz de proibir os meus filhos de ir ao McDonald's. O que consigo é reduzir a frequência com que eles lá vão. E até a má literatura pode ser boa – ou não demasiado nociva – se não for a componente única da dieta.

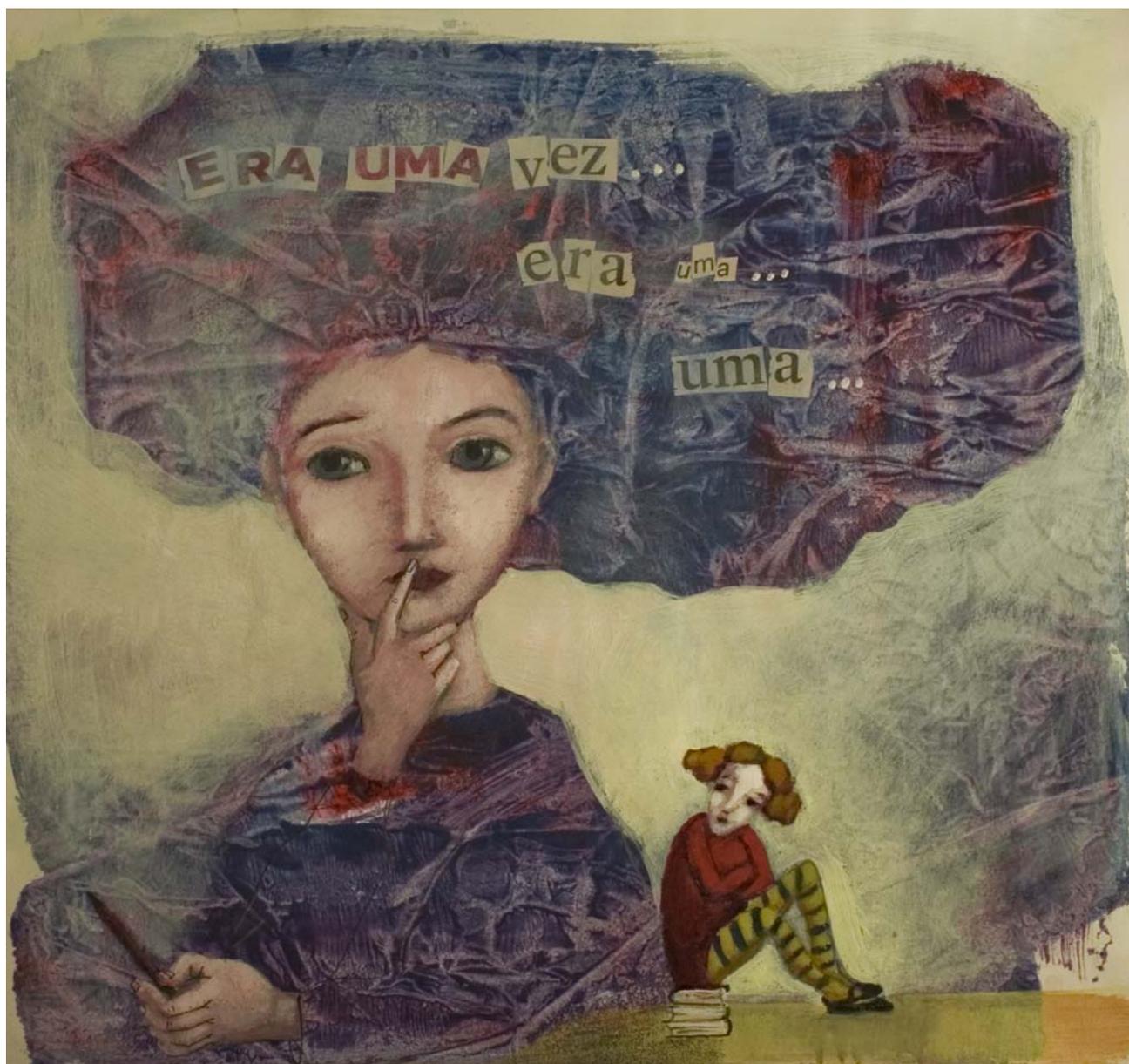
Já no meu papel de autor, pretendo ser honesto.

(Actividade que aconselho aos meus colegas, e que ainda admiro mais do que o talento. O talento pode por vezes ser um obstáculo ao desenvolvimento de um bom escritor. Os escritores que admiro questionam a linguagem, questionam o espírito da linguagem, mas questionam também, continuamente, as suas próprias motivações.)

Quando se escreve para crianças pode ser-se alegremente inconsciente, até surrealista. Mas, não quando se publica. Em qualquer tipo de escrito de ficção, há um momento para criar – disparatar – e outro para fazer edição do texto – ler criticamente o que escrevemos e excluir, corrigir, riscar, reescrever, ajustar, modelar. Pessoalmente, penso que um escritor profissional é, acima de tudo, um reescritor. São os principiantes que ficam parvamente apaixonados pela primeira versão da primeira coisa que escrevem. Pois bem, julgo que este trabalho de reescrita crítica deve ser mais intenso quando se escreve para crianças.

---

<sup>2</sup> Pequeno jogo com a frase do dramaturgo do século XVIII António José da Silva: "Somos todos homens de ganhar, o que desautoriza é o modo."



Sim, deve publicar-se qualquer coisa de original. O problema é que...

A originalidade em literatura, sobretudo em literatura para os mais novos, na maioria das vezes é um equívoco. Ter voz própria é muito bom, e também saber criar uma atmosfera de fantasia, personagens interessantes, peripécias que fazem o público espectador gritar 'ooooh!' O problema é que, não raro, a voz própria é forçada – confundindo-se erradamente com personalidade. Forçando a mão em busca do sempre tão esperado suspiro do público ante a pirueta do malabarista. A busca desesperada da originalidade e da pirueta é compreensível – o mercado editorial assim o exige, sobretudo aos escritores mais novos que têm a compreensível ambição de “impressionar” – mas essa busca afanosa pode tornar-se a morte do artista. Ou, pior ainda, a morte da arte.

Não que a originalidade não exista, pois existe, simplesmente é bastante rara. Isso não implica que não se deva procurá-la, enquanto criador. Significa apenas que é mais fácil atingi-la a um nível decorativo – hop!, agora vou pôr (coisa nunca vista!) uma orelhas de elefante ao Rato Mickey – pois a originalidade é mais difícil de conseguir num plano, digamos, mais estrutural, mais profundo.

Dou um exemplo não muito feliz: há anos li por casualidade, em dois países diferentes, duas versões da mesma história: um menino está acompanhado de uma dezena de animais de peluche a) numa cama b) num sofá. Um por um, repetidamente, a criança vai deitando ao chão os bonecos: “Eram dez numa cama /sofá e ficaram nove...” Etc. Ambas eram histórias muito fortes. O que achei deplorável foi que ambos os livros tinham “um autor” (tinham os dois no frontispício o nome de um autor que recebia os direitos) mas nenhum deles citava a influência do outro – nem uma simples referência a ter sido “inspirado livremente pelos contos de Perrault/ Grimm/Esopo/ etc”. Há aqui um abuso de confiança, julgo eu. Em Portugal, diz-se: “No Carnaval, nada se leva a mal.” Neste caso, algo se passa como: “É um livro para crianças, não há problema”. Mas sim, há problema.

Não se deve ter medo das conclusões morais. Poucos livros são tão ideológicos como os livros para crianças. O que acontece é que os contos tradicionais continham lições de vida mas, tal como os mitos, estavam abertos a diferentes versões (dando uma margem de liberdade ao intérprete/contador) e também não punham todas as personagens a falar um “politicamente correcto” demasiado consciente de si mesmo, a ponto de ser quase caricatural. As mensagens eram, por assim dizer, mais amplas. Não me amedronta a palavra “ideologia”, tampouco me dá ganas de fugir da palavra “política”. Simplesmente, da mesma forma que penso que a política se reduz ao que os políticos são e fazem, também a ideologia, no seu sentido mais lato, não se reduz à catequese A ou B, ou seja, não se limita ao sentido de “constelação de valores organizada por um grupo com uma bandeira”. Da mesma forma que alguém que não vota não está, todavia, fora da política (ainda que o não saiba). Faço minha a convicção de que todos temos ideologia, quer queiramos quer não, quer o saibamos quer não.

Quando leio uma das minhas historietas procuro intuir as leituras potenciais que ela pode conter. Não, não estou a dizer que as controlo ou identifico a todas. A história teria de ser verdadeiramente medíocre para ser tão facilmente domesticável; o que digo somente é que me esforço por intuir algumas das suas implicações, da mesma maneira que um compositor procura intuir como será lida a partitura pelos seus intérpretes.

Isto me leva – a metáfora é frouxa, eu sei, mas creio que não de todo inadequada – a uma noção que me é querida para a relação entre texto e leitor: a música acontece graças ao engenho do seu intérprete; o intérprete que o leitor é, e a partitura não tem de ter sons, é da responsabilidade do co-autor.

Um detalhe importante: os leitores mais novos podem ser crianças, mas são também responsáveis – não menos que os leitores adultos.

O escritor coloca as pedras no tabuleiro de xadrez; o leitor traça as linhas entre os diferentes pontos até finalizar o desenho.



Escrever, como qualquer actividade artesanal com ambições criativas, implica conhecer e respeitar os materiais. Um escultor saberá esculpir a madeira, um cozinheiro saberá respeitar os ingredientes, e assim por diante.

No caso da escrita para crianças e jovens, esse respeito estende-se ao material humano. Um escritor como Louis-Ferdinand Céline pode escrever odiando parte da humanidade e, todavia, contribuir para essa mesma humanidade. Mas tenho sérias dúvidas que o mesmo se passe com a escrita para crianças. Comparar Jonathan Swift com Céline parece-me um equívoco tão grande quanto absurdo. Swift recorre ao humor, é certo que por vezes bem negro (como o caso de *Uma modesta proposta*)<sup>3</sup>, mas fá-lo para sublinhar o absurdo, não para mergulhar nele.

Em boa hora:

Tanto quanto sei, a criação de um texto feliz resulta da combinação de pelo menos três elementos: observação/experiência concretas, leitura permanente dos mitos, memória dos sonhos.

As minhas histórias mais imaginativas nascem da combinação entre essas três fontes da dinâmica narrativa. A saber: a autobiografia, o sonho, o mito. Com isto quero salientar um aspecto: que chego mais aos outros quando escrevo para mim, mais do que quando escrevo para eles. Esta é uma das lições que aprendi de meu pai, sem que ele tivesse pensado em ensinar-ma. Desde adolescente que sempre desejei as camisas do meu pai. Tinha muito gosto, o meu pai. Mas não gostava que eu usasse as suas camisas. Então, ia à loja e comprava umas para mim – muito mais bonitas, me garantia ele – mas que não me agradavam, nem a mim... nem a ele. Só gostava das camisas que o tolo vaidoso comprava para si próprio. Porque as que comprava para si próprio eram as que mais me fascinavam. É fácil de entender, não é?

Escrever “para os outros” resulta muitas vezes no contrário dessa amável intenção: escrever não “para os outros” mas sim para o que é suposto os outros serem. E isto é ainda mais perigoso no caso dos mais novos: corre-se o sério risco de cair em paternalismos e simplismos (ou ‘simpletonismos’) desnecessários. Sei que é quando não me esforço por ser espontâneo que o sou – espontâneo.<sup>4</sup> Sei que é quando não me esforço por agradar que consigo, por vezes, agradar. Sei que é quando me esgano para falar com as crianças que consigo comunicar com as crianças.

---

<sup>3</sup> Onde propõe, como solução para a fome na Irlanda, que se vendam as crianças menores para comer.

<sup>4</sup> Paul Watzlawick disse-o melhor.